



HISTÓRIA E MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO SUÍÇA NO ALTO VALE DO ITAJAÍ, SANTA CATARINA: DA FUNDAÇÃO DE NEU-ZÜRICH (1904) AOS DIAS ATUAIS

CARLOS EDUARDO BARTEL¹

No município de Presidente Getúlio, pequena cidade do interior de Santa Catarina localizada no Alto Vale do Itajaí, há um belo pórtico de entrada em estilo arquitetônico germânico, na sua frente estão três bandeiras, a do município, a do estado de Santa Catarina e a do Brasil e, na parte voltada para o seu interior, as bandeiras da Alemanha, Itália e da Suíça, uma alusão aos primeiros colonizadores da região e ao caráter interétnico da cidade. No centro do município, reside o senhor Carl Ernest Hoppe, descendente de imigrantes suíços e alemães, “seu Hoppe” como é conhecido, seguidamente é visto pelas ruas do município portando seu violino, além da música, dedica-se ao conserto de relógios, ofício que exerce há mais de 60 anos, a pontualidade do relógio da Igreja Luterana também depende do trabalho do seu Hoppe, que igualmente professa o luteranismo. Em sua residência a paixão pela música e pelos relógios é dividida com a literatura, livros majoritariamente em língua alemã. Seu Hoppe nasceu em Ibirama, em 1931, e como muitos de sua geração é filho de imigrantes, seu pai veio da Suíça aos três anos de idade e mais tarde estabeleceu uma serraria em Ibirama. Sua esposa Charlota Dehnerdt, também nasceu em Ibirama, em 1934, ambos são filhos de alemães e suíços.

Ao nos determos à trajetória de “seu Hoppe” e ao pórtico de entrada da cidade temos a impressão que a história da região é fruto de consensos e da integração social entre os diferentes grupos que a colonizaram, uma história de um “povo trabalhador e ordeiro”, frase constantemente lembrada nas festividades do município. Tal afirmação em parte é verdadeira, pois atualmente, do ponto de vista étnico e cultural, a população de Presidente Getúlio é formada por um grande contingente de descendentes de imigrantes alemães e italianos, também por descendentes de suíços, bem como por imigrantes haitianos e migrantes oriundos do norte e do nordeste do Brasil, com cada grupo preservando sua identidade e cultura. Contudo, de modo anacrônico esse presente de integração social é projetado sobre o passado, produzindo uma narrativa linear do processo histórico, uma “história de sucesso”, conforme o título da obra que narra a história do município. Por outro lado, nas últimas décadas diferentes questões relacionadas aos temas da imigração, colonização e seus desdobramentos no Alto

¹ . Professor do Instituto Federal Catarinense (IFC), *Campus* Ibirama, carlos.bartel@ifc.edu.br, Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Vale catarinense foram intensamente pesquisados, em especial referentes à imigração alemã e, em menor proporção, italiana. Porém, sob diferentes perspectivas, a história dos diversos grupos radicados na região e as relações destes grupos em contextos interétnicos ainda carece de estudos. Igualmente, são carentes de análise mais específica os diferentes grupos de imigrantes, e seus descendentes, denominados genericamente como germânicos, entre os quais estão inseridos os suíços aqui analisados.²

Ainda que outros trabalhos cite imigrantes suíços no Alto Vale, a história dessa imigração ainda é desconhecida, trata-se, portanto de um trabalho inédito. Dessa forma, a presente abordagem pretende reconstruir a história da imigração suíça a partir de uma perspectiva que evidencie as dificuldades e vicissitudes políticas, sociais, econômicas e culturais desses imigrantes. Analisa assim, a imigração suíça no contexto da colonização alemã privilegiando uma faceta da história da imigração germânica caracterizada por relações e conflitos interétnicos, não se resumindo apenas em uma perspectiva de assimilação cultural e identitária. Igualmente, pretende avaliar como esse passado histórico foi reconstruído criando uma “memória oficial”.

Em Presidente Getúlio a herança cultural, material e imaterial, da colonização alemã e italiana são bastante visíveis e facilmente percebidas através da arquitetura, das Igrejas, das associações e clubes existentes, através da gastronomia, dos nomes de ruas e por meio dos dialetos falados entre os mais velhos. Por sua vez, as marcas da colonização suíça não aparecem com a mesma clareza, alguns registros se localizam na zona rural do município, outros foram substituídos por outras nomenclaturas e assim apagados da memória.

Do ponto de vista metodológico a presente pesquisa ampara-se em fontes documentais, consultadas principalmente na Biblioteca Pública e Acervo Cultural do Município de Presidente Getúlio e no Arquivo Histórico de Ibirama, que reúnem fontes sobre o tema pesquisado como documentos da Sociedade Colonizadora Hanseática, que colonizou a região do Vale do Itajaí, fundando a Colônia Hansa (*Kolonie Hansa*), em 1897.³ Porém, poucos são os registros sobre a história e a memória da imigração suíça no Alto Vale, de forma que

2 Um exemplo de estudos que vem preenchendo essa lacuna se refere à análise da imigração pomerana.

3 A Colônia Hansa estava dividida em quatro distritos, sendo o distrito Itajaí-Hercílio, seu “maior e mais importante, no então município de Blumenau, com a sede Hammonia, centro administrativo da Colônia a partir de 1904 (hoje Ibirama)”. Havia ainda os distritos de “Itapocu”, no então município de Joinville, “Sertão de São Bento”, nos então municípios de Joinville e São Bento, e “Pirai”, também em Joinville (RICHTER, 1992: p. 36).

tivemos que recorrer a diferentes fontes de pesquisa, como documentos, periódicos e bibliografia que aponta para imigração de forma geral, trazendo algumas poucas informações sobre imigrantes suíços. Entre os documentos que sustentam nossa pesquisa uma importante fonte é o relatório intitulado “A Colônia Suíça Nova Helvétia no Município de Hammonia” (*Die Schweizerkolonie “Nova Helvetia” im Municip Hammonia*). Escrito por Walter Gossner em alemão, entre os meses de maio e junho de 1937, o relatório descreve diversos aspectos acerca do agrupamento suíço radicado em *Neu Breslau*, nome que substituiu *Neu-Zürich* (local onde hoje se localiza Presidente Getúlio, que fazia parte da colônia Hammonia).

Para reconstruir essa história igualmente nos valem de festividades, arquitetura, nomes de localidades e fragmentos em geral, agindo como quem monta um quebra-cabeça, tentando encaixar peças dispersas, tornando assim a imagem gradualmente mais nítida. Dessa forma, estabelecemos cruzamentos de informações fornecidas pelas diferentes fontes, visando à produção de uma versão narrativa amparada por critérios metodológicos passível de comprovação. Cabe assim perguntar quais fatores e símbolos, materiais e imateriais, contribuíram para a preservação, manutenção ou ressignificação da identidade cultural e da memória dos imigrantes suíços e seus descendentes ao longo do tempo? Como essa identidade étnica tem sido representada? Tendo em vista essas questões a pesquisa tem como principal objetivo reconstruir a história da imigração suíça na região do Alto Vale do Itajaí, em especial na região de *Neu Zürich*. Propõe assim, identificar os vestígios deixados pelos suíços no município e avaliar a manutenção e as operações de gestão dessa memória, isto é, como essa memória tem sido preservada e representada.

Por fim, é necessário referir que a presente análise faz parte de um Projeto de pesquisa, ainda em fase inicial, intitulado “História e memória da imigração suíça no Alto Vale do Itajaí/Santa Catarina: da fundação de *Neu-Zürich* (1904) aos dias atuais”, cujo objetivo consiste em investigar e reconstruir a história da imigração suíça no Alto Vale catarinense e avaliar como essa história tem sido lembrada.⁴

Imigração suíça e a fundação de Neu Zürich, em 1904

4 O presente Projeto de pesquisa, desenvolvido no Instituto Federal Catarinense (IFC), *Campus Ibirama*, conta com o trabalho da bolsista Natália Schlindwein, aluna do 2º Ano do Curso Técnico em Vestuário Integrado ao Ensino Médio.

Quando falamos em imigração suíça no Brasil, a primeira e mais expressiva lembrança é a colônia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, fundada em 1819 por suíços católicos francófonos. Em Santa Catarina é bastante conhecida a história da Colônia Dona Francisca, atual Joinville, fundada em 1851, que recebeu imigrantes suíços, oriundos majoritariamente do cantão Shaffhausen, norte do país, trazidos para a Colônia pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849, Sociedade que posteriormente alterou seu nome para Hanseática e criou a Colônia Hammonia no final do século XIX.

Entre os anos de 2006 e 2009, o Governo do Estado de Santa Catarina desenvolveu o “Projeto Identidades”. Realizado em parceria pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e a Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMAVI) o projeto propunha “uma ação conjunta entre poder público e comunidades locais para identificar e valorizar o patrimônio cultural de cada um dos envolvidos” (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2009: p. 15). Conforme o estudo, mais de 20 etnias de imigrantes europeus se radicaram no território catarinense, sendo que nos 28 municípios que compõem o Alto Vale catarinense, somente um, Presidente Getúlio, apresenta “suíços” como uma das “principais etnias” colonizadoras do município.⁵

Até o início do século XX a região onde foi criada *Neu Zürich* era basicamente ocupada por índios xoklengs e ainda desconhecida dos imigrantes. Desde o estabelecimento da Colônia Blumenau, em 1850, expedições eram feitas com a finalidade de conhecer e mapear o território. Uma destas incursões percorreu a região onde hoje fica Presidente Getúlio, em 1908, sendo as impressões da expedição noticiadas no periódico *Der Hansabote*, de 30 de

5 O município de Presidente Getúlio possui uma população de 16.474 habitantes e se localiza no Alto Vale do Itajaí, faz parte da região conhecida como “Vale Europeu” e fica a 230 km de distância de Florianópolis, capital do estado. Em 1953, através da lei estadual nº 133 de 30/12/1953, o até então distrito de Ibirama, foi elevado à categoria de município, com a denominação de Presidente Getúlio. “A instalação da nova comuna, deu-se em 10 de fevereiro de 1954. Nova Zurique – Nova Breslau – Dalbérgia – Getúlio Vargas e Presidente Getúlio” foram os nomes dados ao município (PICHETTI, 1970: p. 76-77). Fundado, em 1904, por imigrantes europeus, basicamente suíços, alemães e italianos, inicialmente se chamava *Neu-Zürich*, e, devido sua colonização, possui até os dias de hoje muitos traços da cultura dos primeiros colonizadores. Informações obtidas no site da Prefeitura Municipal de Presidente Getúlio. <<http://www.presidentegetulio.sc.gov.br/turismo/informacoes/>>, acesso em 27/03/2016. As referências consultadas na internet serão citadas apenas em nota de rodapé e não ao final, com o propósito de não estender demasiadamente o texto.

maio daquele ano.⁶ A expedição registrou a riqueza natural da região, mencionando suas características, entre as quais os recursos hídricos e as terras férteis, bem como muitos pinheiros existentes, no qual em um deles, José Schweizer, um dos membros da expedição entalhou o brasão suíço, além do pinheiral foi constatada a presença de aldeias indígenas. Conforme relato “o principal objetivo desse *tour*, empreendido por tão poucos participantes”, foi reconhecer e mapear a região (BLUMENAU EM CADERNOS, 2000: p.13). Nesse contexto, estavam inseridos os primeiros colonos de *Neu Zürich*, em uma região ainda desconhecida e habitada por índios xoklengs, chamados de botocudos pelos colonizadores.

Diversos autores analisaram com propriedade a imigração alemã em Santa Catarina referindo que a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, depois Hanseática, teve como propósito, desde o início da colonização, a formação de uma comunidade etnicamente homogênea de acordo com as noções do *Volkstum* e *Deutschtum*. A primeira aproxima ideias como povo, cultura e nação, expressando que a nacionalidade de um indivíduo não diz respeito ao seu local de nascimento, mas a sua ascendência, cultura e língua, segue, o princípio do *jus sanguinis*. Por sua vez, a *Deutschtum* seria a *Volkstum* aplicada ao povo, à nação alemã, podendo ser traduzida por germanismo ou germanidade, engloba a língua a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha e a tudo que se relaciona com ela (SEYFERTH, 1981; RICHTER, 1986; WIESE, 2003).

Os suíços foram trazidos em meio aos imigrantes alemães para ocupar as terras onde foi criada a Colônia Hammonia, adquiridas pela Sociedade Colonizadora Hanseática junto ao governo do Estado catarinense, sendo integrados ao conjunto dos imigrantes alemães, segundo a concepção do *Deutschtum*. O historiador Dilney Cunha ao analisar a ação dos dirigentes da Sociedade Colonizadora na Colônia Dona Francisca/Joinville, escreveu que:

O estamento-casta dominante, formado principalmente por intelectuais e ex-oficiais nacionalistas, defensores da unificação alemã, procurou incutir nos diferentes grupos de imigrantes, desde o início, os valores da “kultur” alemã, o sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica e a crença em uma origem comum, tudo isso abarcado pela ideologia do “Deutschtum”. Essa ação, que parece, era inicialmente orientada no sentido de eliminar ou minimizar os conflitos, as tensões e as diferenças (sociais, políticas, religiosas e culturais) entre os colonos e provocar uma espécie de solidariedade étnica. Os imigrantes e seus descendentes deveriam sentir-se como uma grande “família” e tratar-se como “irmãos”. Os suíços, bem

6 O Jornal “Der Hansabote” criado pelo pastor e professor Dr. Paul Aldinger circulou entre os anos de 1904 e 1913 na Colônia Hansa Hammonia, abordava assuntos diversos relacionados ao cotidiano da Colônia.

como os austríacos, noruegueses [...] pomeranos, entre outros, eram chamados de “ramo do povo (ou etnia) germânico” (germanischer Volkstämme), “filhos da Germânia” (Germaniens Söhne) ou “ramos irmãos” (Brüderstämme) (CUNHA, 2003: p. 222).

Além de obter lucro com a colonização (transporte, venda de lotes, comércio de bens, entre outros) a Sociedade Colonizadora tinha entre seus propósitos questões ideológicas, isto é, tinha como objetivo trazer para o Brasil apenas imigrantes germânicos e “pelo fato da população nativa ser de ‘raça inferior’” era necessário garantir que a “etnia, cultura, língua e nacionalidade dos imigrantes” fossem preservadas (RICHTER, 1992: p. 13). Na segunda metade do século XIX dois movimentos contribuíram para a diminuição da vinda de alemães ao Brasil, 1) a industrialização na Alemanha unificada passou a absorver parte da mão-de-obra e 2) o destino desejado pela maioria dos imigrantes era a América do Norte e não a desconhecida selva brasileira, da qual os relatos não eram nada animadores. Assim, a Sociedade Colonizadora abriu espaço para os “ramos irmãos” do povo germânico como teuto-suíços e teuto-russos, estes fundaram Wittmarsum, município vizinho de Presidente Getúlio. Mesmo assim, o número de imigrantes foi inferior às expectativas da Empresa Colonizadora, que posteriormente, acabou por aceitar outros grupos para ocupar suas terras.

Pouco ainda se sabe sobre essa primeira leva de suíços que vieram para Santa Catarina entre os anos finais do século XIX e início do XX. A Suíça, junto com outros países, como França, Bélgica, Inglaterra e Holanda, era considerada como um país pertencente a parte desenvolvida da Europa, onde, em 1880, a expectativa de vida média era entre 43 e 45 anos. De modo geral nesse período, conforme refere Eric Hobsbawm, “a maior esperança dos pobres, mesmo nas partes mais ‘desenvolvidas’ da Europa, era ainda, provavelmente, ganhar o suficiente para manter corpo e alma juntos, ter um teto sobre a cabeça e roupas suficientes [...]”. (HOBSBAWM, 2005: p. 50). Os imigrantes suíços estão assim inseridos no conjunto da imigração europeia do século XIX e início do XX, que fugindo da miséria vieram para a América em busca de uma vida melhor. Os teuto-suíços que no início do século XX fundaram *Neu Zürich*, foram trazidos para a região do Alto Vale com o propósito de ocuparem a terra e

a tornarem produtiva, eram lavradores em sua maioria, falavam dialetos germanófonos e seguiam religiões protestantes, em especial a religião batista.⁷

O *Jornal Vale do Norte*, em uma edição comemorativa em homenagem ao dia do imigrante e ao aniversário de 65 anos de Presidente Getúlio, informa que entre 1905 e 1906 outras levas de imigrantes chegaram à colônia recém-criada, neste período “deram entrada na colônia novas emigrações provenientes da Alemanha. A nova colônia prosperava graças a exuberância das terras e o espírito desbravador dos seus colonizadores” (*Jornal Vale do Norte*, 26/07/1969: capa). Optamos por utilizar como referência esse periódico do ano de 1969 devido ele preceder as fontes bibliográficas, as quais reproduzem o mesmo teor emitido pelo jornal. Neste sentido, na matéria intitulada “Salve Presidente Getúlio. Dia do imigrante”, informava que:

*Em 1909 houve o primeiro ataque dos índios botocudos, sendo os colonos tomados de pânico, abandonando as terras, ficando tão somente o colono Wilhelm Goebel. Procurou então a Sociedade Colonizadora Hanseática, pelo estabelecimento de famílias vindas de outras regiões para garantir a formação da nova colônia, conseguindo definitivamente com a chegada de diversas famílias de colonos de Brusque. Em 10 de maio de 1914 foi inaugurada a primeira escola primária. No dia de sua inauguração, o dr. Moersch, diretor da Colonizadora, deu à povoação o nome de Neu-Breslau, em homenagem ao colono Wilhelm Goebel, por ser natural da cidade alemã de Breslau, e pelo seu ato de coragem e estoicismo, em ter permanecido na povoação. A colônia prosperou novamente pelo sacrifício de seus colonizadores, tendo dado entrada mais tarde naquela região diversas novas emigrações, estabelecendo-se os suíços em Caminho Helvetia, Caminho Stimming e Caminho Bernburg; os russos em 1929, em Stolz Plateau, Nova-Esperança, Witmarsum, Waldheim e Gnadental; descendentes de italianos em Ribeirão do Ferro e Mirador (*Jornal Vale do Norte*, 26/07/1969: capa).*

7 Dessa forma, “no ano de 1904, chegavam às terras do município os primeiros desbravadores. Eram suíços, quase todos. Comandava-os um engenheiro da Sociedade Colonizadora Hanseática. Iniciaram a fundação de uma Colônia que denominaram ‘Nova Zurique’” (PICHETTI, 1970: p. 76). Cabe referir que nas áreas de colonização os valores culturais e religiosos eram transmitidos por diferentes instituições, principalmente a Igreja e a escola. Nas culturas germânicas escola e igreja não estão dissociadas e invariavelmente ocupam o mesmo espaço físico. Nesse sentido, uma das primeiras preocupações dos colonos foi criar espaços voltados para a educação, sendo assim criadas escolas de caráter étnico e comunitário. Escolas étnicas são escolas cujo currículo retrata “as dimensões culturais próprias do respectivo grupo, como língua, religião, modo de ser e valores” (KREUTZ, 2010: p. 153). Em *Neu Zürich* o primeiro professor foi o suíço H. M. Grage, formado no Seminário Batista de Hamburgo, Alemanha. Tanto o culto batista, quanto as aulas eram ministradas em sua residência. Para as aulas foi ocupado o espaço de um estábulo para criação de porcos, construído havia pouco tempo e ainda não utilizado para sua finalidade. Em 1905, os imigrantes suíços vincularam sua escola à Associação Escolar de Hammonia, que possuía seis escolas comunitárias sob a supervisão do professor e pastor luterano Dr. Paul Aldinger (WIESE, 2000: p. 39-40).

Ao longo dos anos a historiografia reproduz essa narrativa, segundo essa versão as inúmeras dificuldades como o isolamento, os conflitos com os indígenas e a malária não permitiram que *Neu Zürich* prosperasse fazendo com que os imigrantes suíços abandonassem as terras devido os problemas encontrados, de forma que em 1909 restava somente um colono, alemão de Breslau (CABRAL, 1970; PICHETTI, 1970). E, a partir de 1909 “novos pioneiros começaram a chegar, desta vez quase todos de ascendência alemã, acrescidos posteriormente, de elementos ítalo-brasileiros” (PICHETTI, 1970: p. 76). Conforme essa perspectiva, por não haver mais suíços, mas sim outros imigrantes de origem alemã uma nova colônia foi formada. Assim, no dia 10 de maio de 1914, o ex-diretor da “Sociedade Colonizadora Hanseática, Ferdinand Moersch e o Diretor José Deeke mudaram o nome de *Neu Zürich* para *Neu-Breslau*, em homenagem a um dos fundadores Wilhelm Goebel, que era natural de Breslau, Alemanha” (WIESE, 2011: p. 82).

Em vista disso, cabe perguntar se a alteração do nome da colônia por parte da Sociedade Colonizadora não seria uma clara manifestação da ideia de *Deutschtum*? Não seria esse fato similar ao que ocorreu em Dona Francisca, outra colônia da Sociedade Hanseática? Na qual os colonos suíços, “não tiveram força para se impor com uma identidade cultural própria, muito menos impor essa mesma cultura aos demais grupos da Colônia. Logo passaram à condição de grupo minoritário e sofreram as ações irreversíveis dos processos de aculturação e assimilação” (CUNHA, 2003: p. 248).

O argumento que justifica tal versão historiográfica é que não sobrou nenhum imigrante suíço. Contudo, mesmo assim havia necessidade de se modificar o nome da localidade? O memorialista Harry Wiese, ao escrever a história do município cita que em 1922 várias pessoas solteiras e cinco famílias suíças de “Luzern”, num total de 36 indivíduos, após contato com Rudolf Müller, em Neu-Breslau, desembarcaram no porto de São Francisco do Sul, dali indo para Neu-Breslau, onde se estabeleceram na localidade de Serra Vencida, formando assim a segunda leva de colonos suíços estabelecidos na colônia (WIESE, 2011: p. 348) e que entre 1922 e 1925 “133 imigrantes suíços estabeleceram-se no interior de Neu-Breslau, na Serra do mirador, nas localidades de Nova Helvétia, Caminho Stimming e Bernburg” (WIESE, 2003: p. 37). Chama a atenção o fato desses novos imigrantes terem feito contato com Rudolf Müller, um dos fundadores de *Neu Zürich*, em junho de 1904.

Assim, nos anos 1920 famílias do cantão de Zürich, imigraram para Nova Helvécia, na localidade de Serra Vencida, zona rural de Presidente Getúlio. Conforme um estudo, em Nova Helvécia havia quatro dialetos suíços representados, das localidades de Appenzell, Berna, Lucerna e de Zurique, todos derivados da variedade *Hochalemannisch*, da região sul da área germanófona.⁸

Conforme um relatório localizado no Arquivo Histórico de Joinville (HERKENHOFF, 1999) escrito por José Deeke, diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, Rudolf Müller chegou à colônia em 1904 quando tinha 41 anos, junto com sua esposa e filhos, no grupo de imigrantes encontrava-se também o pregador batista H. W. Grage e outros suíços. Jardineiro de profissão, em 1904 Rudolf Müller retornava da Suíça, onde havia ido cooptar imigrantes para ocupar as terras da Sociedade Hanseática. Em 1902 ele “já era proprietário de um lote de terra na localidade de Rio Sellin, em Hammonia” (WIESE, 2011: p.41). Cabe assim perguntar onde estivera Rudolf Müller e sua família (esposa e quatro filhos) no interstício de 1909 até 1922 senão na própria colônia?

Após a refundação da colônia com o nome *Neu Breslau*, encontramos poucos registros relacionando a região à Suíça, em um destes, posterior a Segunda Guerra Mundial, Ibirama (cidade da qual, Presidente Getúlio se emancipou em 1954), se autodefinia como “uma imagem perfeita da Suíça” (FOCALIZANDO, s/d [1956?]), sendo a cidade até os dias de hoje “considerada por muitos como a Suíça catarinense” (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2009: p. 106). Outro documento muito esclarecedor, cuja cópia encontra-se no Arquivo Histórico de Ibirama, trata-se do relatório intitulado “A Colônia Suíça Nova Helvécia no Município de Hammonia” (*Die Schweizerkolonie “Nova Helvetia” im Municip Hammonia*). Escrito em alemão por Walter Gossner o relatório descreve diversos aspectos acerca do agrupamento suíço radicado em *Neu Breslau*.⁹

8 Em 1952, alguns suíços de Presidente Getúlio, por questões econômicas, migraram para Santo Antônio do Caiuá no Paraná (KARNOPP; VON BORSTEL, 2012: p. 133).

9 Walter Gossner prestava serviços ao governo suíço e a embaixada suíça no Rio de Janeiro, bem como a outros países, produzindo relatórios com informações gerais sobre imigração, sobre os grupos imigrados para a América e suas condições, sobre a possibilidade e locais para acolher imigrantes, principalmente nos estados de Santa Catarina, São Paulo e Paraná. Seus relatórios bastante extensos abordavam questões diversas como fertilidade da terra, produção econômica, cultura e religiosidade dos imigrantes, relações com os habitantes locais, educação, clima, vestuário, higiene, entre outras questões. Nascido em 1904, Gossner estudou administração de empresas em Viena, Paris e Freiburg. Na década de 1930, devido a crise econômica na Suíça, emigrou para a Argentina, quando o governo suíço solicitou que, ao passar pelo Brasil, onde acabou se

Walter Gossner escreveu seu relatório nos meses de maio e junho de 1937, às vésperas do Estado Novo (1937-1945). Informa que permaneceu por quase duas semanas na Serra Vencida, onde se localizava a Colônia Nova Helvécia e onde viviam os suíços. Conforme suas palavras “nos alojamos com a família Spring-Stacholzky na antiga residência da família Hans Vetsch e a partir de lá fiz minhas caminhadas diárias até cada um dos colonos de 27 de abril até 10 de maio”. Porém, antes disso, o agente suíço buscou informações sobre a região, conforme escreveu “antes de qualquer coisa visitei o Senhor Rudolf Müller, que aqui é chamado por todos como ‘Müller suíço’ e a quem os suíços da Serra acusam ter-lhes causado a ida a cada ermo e que teria sido remunerado por isso pela Hanseática” (GOSSNER, 1937).

No relatório Gossner igualmente faz uma descrição do contexto social e político da Colônia Hammonia, da qual *Neu Breslau* fazia parte e onde os suíços estavam inseridos. Em termos políticos escreveu que os alemães da região dividiam-se em dois grandes grupos: nacional socialistas e integralistas, “às vezes também são ambos ao mesmo tempo ou um após o outro, de acordo com o sopro do vento”. Segundo ele, um fato que merecia atenção se referia ao “relacionamento entre alemães e brasileiros”, pois “a maioria dos colonos alemães que vivem nesta região não entendem uma única palavra em português. Por isso é-lhes impossível entender-se com os nacionais ou os italianos”. Conforme seu relato o desconhecimento da língua nacional produzia como resultado um relacionamento de desconfiança e animosidade entre brasileiros e alemães, o “alemão gaba-se de suas conquistas e despreza os nacionais. Estes, por sua vez, tem disposição inamistosa por causa do orgulho deles e de sua ausência de adaptabilidade. Os alemães acusam os nacionais de preguiça, perfídia, estupidez e diversas outras más qualidades” (GOSSNER, 1937).

Ainda sobre o relacionamento entre alemães e brasileiros Gossner dizia ter tido poucas oportunidades para “conhecer os brasileiros daqui, já que todo o meio ambiente é alemão”, de forma que não podia “avaliar a correção da censura alemã”. Contudo, referia que os alemães cometiam na região “como em outros países grandes erros psicológicos que eles colocam contra os nacionais. Em cada ‘Bierfisch’ (provavelmente pescaria regada a cerveja) ou em

radicando, procurasse as autoridades brasileiras para pleitear o aumento de cota para imigrantes suíços (STEIN, 2009). Gossner enviou vários relatórios para o seu país de origem sobre colônias alemãs e suíças no Brasil, um destes versava sobre os suíços radicados em *Neu Breslau*.

cada bodega de cachaça consegue-se ouvir diariamente o suspiro ardente ‘que Hitler venha em breve e embolse esta terra de macacos’” (GOSSNER, 1937).

Para os alemães o Brasil deveria “transformar-se num país sob administração alemã”, pois “um alemão de alto escalão desta região disse mais ou menos assim, que era uma desgraça que o Brasil foi colonizado por portugueses e não por alemães. Aqui para os alemães vale como princípio orientador ‘Alemanha acima de tudo’”. Esse contexto de animosidade entre alemães e brasileiros preocupava Gossner, pois era essa a situação que se encontrava o suíço que queria instalar-se na região, encontrava-se em ambiente alemão, e diversos suíços que “aqui estão há dez, quinze anos, desaprenderam o alemão suíço – inclusive em Nova Helvécia e em famílias, onde ambos os pais ainda frequentaram a escola suíça” Assim, após descrever a situação entre alemães e brasileiros e definir a região como “ambiente alemão”, o agente suíço passou a analisar a relação entre suíços e alemães, mencionando que em locais de alemães, o suíço não aprendia o português, sendo absorvido culturalmente de forma gradual “pelo germanismo” por meio do “casamento com mulheres originariamente alemãs”. Segundo suas palavras:

O suíço não é reconhecido como tal pelos alemães; relacionam-se com ele somente quando traz dinheiro – na pousada, na escola, no fundo de inverno – mas caso contrário não lhe deixam crescer. Muitos suíços que se encravaram entre alemães querem de preferência renunciar a sua nacionalidade, pois acreditam que então terão menos dificuldades entre os alemães (GOSSNER, 1937).

Em vista disso concluía que “em futuros conflitos entre brasileiros e alemães – o que não está fora do possível –” os suíços “serão marcados juntamente com os alemães como ‘alemão’ e terão assim a desvantagem em todas as situações”. Por tal motivo desaconselhava a Embaixada Suíça no Rio de Janeiro e ao Governo suíço em Berna o envio de imigrantes para esta região, “por causa do atraso econômico e civilizatório dos alemães desta região e por seu antagonismo com os nacionais, tenho como errado continuar a recomendar a imigrantes suíços esta região para a colonização (GOSSNER, 1937). Assim, os suíços encontravam-se em uma situação na qual eram vistos como alemães pelos demais e como um grupo inferior, do ponto de vista do *Deutschum*, pelos alemães.

A Memória da colonização suíça em Presidente Getúlio, Santa Catarina

Os anos 1930 e 1940 foram traumáticos para os agrupamentos alemães no Brasil, em especial para a região de colonização alemã em Santa Catarina, primeiro devido à campanha de nacionalização do governo varguista, que sem a mesma intensidade repressiva ocorrida em Blumenau e cercanias, deixou suas marcas nas colônias (MONTEIRO, 1983), situação agravada com a entrada do Brasil na guerra contra a Alemanha. No contexto pós Segunda Guerra, surge à aproximação da região com a Suíça, um descendente de origem alemã de Ibirama ou de Presidente Getúlio poderia tranquilamente se identificar com a cultura suíça sem precisar abrir mão de seus costumes, isto é da germanidade. Durante os anos 1930 e 1940 o fato dos imigrantes e seus descendentes falarem alemão e cultivar os seus costumes não era uma atitude orquestrada contra qualquer iniciativa do Estado brasileiro. Os imigrantes agiam de acordo com sua cultura, desamparados que estavam pelo poder público, assim o “final da década de 1930, refletia muito mais o descaso das autoridades brasileiras com as áreas de colonização alemã do Estado de Santa Catarina, do que uma atitude de rebeldia destas colônias” (MONTEIRO, 1983: p. 21).

Assim, o período compreendido entre as décadas de 1930 e 1950 parece ter sido um divisor de águas nos municípios originários a partir da Colônia Hammonia. A noção de *Deutschtum* perdeu força, sendo associada com critérios de pureza racial e em última instância com o Nazismo. Igualmente, tal matiz ideológico sofreu com os ataques perpetrados pela Campanha de Nacionalização da ditadura varguista e com a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, a aproximação com outras identidades como “teuto-brasileiro”, “imigrante” e até mesmo “suíça” contribuiria para reconstrução da imagem da comunidade local, a partir de um germanismo que enfatiza a cultura alemã desvinculado-a da noção de *Deutschtum*.

Essa identidade ressignificada mostrou-se mais abertamente nos anos 1980 por meio da *Oktoberfest*, realizada em Blumenau pela primeira vez em 1984. É corrente a explicação que em 1984, depois da cidade ter sofrido uma forte enchente do Rio Itajaí-Açu, o objetivo era recuperar a economia e levantar a moral dos habitantes da cidade. A moral abatida seria apenas decorrente da enchente? Há relatos que muitos alemães perseguidos durante a Segunda Guerra desfilaram nos carros da primeira *Oktoberfest*, encerrando assim aquele episódio, escrevendo assim o início de outra história dos alemães na região.

Nesse sentido, há uma reformulação da noção de germanidade e uma aproximação genérica com a noção de descendente europeu. Outro fator que contribuiu para a construção e a representação dessa imagem dos descendentes de imigrantes europeus integrados ao país que em vivem foi criação de uma rota turística chamada de “Vale Europeu”, que explora os recursos naturais da região, a identidade cultural e o legado deixado pelos imigrantes. Tal ideia contribuiu para a (re) afirmação de múltiplas identidades étnico-culturais.

Um “Vale Europeu” apenas com alemães e italianos talvez não fosse atraente, fato que contribuiu e andou em paralelo com outro movimento, o de (re) descoberta da heterogeneidade dos grupos que colonizaram a região e seus regionalismos. Se a *Deutschtum* visava a formação de uma comunidade homogênea em termos étnico-culturais, o novo movimento defendia exatamente o contrário ao promover uma explosão de diferentes identidades. Assim, surgiram estudos e vinculações identitárias com diversos grupos: trentinos, pomeranos, austríacos, entre muitos outros, e nesse contexto os suíços.

Reconstruir a memória da imigração suíça na região do Alto Vale é uma tarefa complexa devido várias implicações, tal tarefa se assemelha ao trabalho dos arqueólogos que reconstroem a trajetória de seu objeto de estudo a partir de poucos fragmentos e também devido o fato da “identidade suíça” encontrar-se diluída no contexto dos grupos germânicos que vieram para o Brasil, confundindo-se e sendo assimilada pela imigração alemã.

Quais são os símbolos materiais conformam uma herança suíça? Não há uma “arquitetura” ou “culinária” suíça de fácil identificação, nem mesmo um idioma exclusivamente suíço. Analisar a construção das identidades sociais envolve noções como o estudo e preservação da memória. Do ponto de vista histórico, o estudo da construção de memórias compartilhadas exige analisar diferentes temporalidades e perspectivas, igualmente, as formas como os bens culturais, materiais e imateriais (patrimônio, monumentos, arquitetura, lendas, tradições, festas, etc.) foram preservados, criados ou ressignificados e quais razões motivaram esses movimentos. Por outro lado, abordar a construção das identidades sociais é algo complexo devido estas não se e relacionarem apenas com um território específico, mas também com visões de mundo, imagens e representações que se modificam ao longo do tempo. Conforme, Pierre Nora (1993) “memória é vida” algo ainda acessível mantido pelos próprios grupos, mas não havendo grupos de “origem suíça”, quem mantém essa memória? E por quais motivos ela é mantida? Além da história, outros fatores



contribuem para a operação de construção da memória, entre os quais os de ordem geográfica e os relacionados ao turismo. Assim, além dos poucos registros, outro fator que dificulta a reconstrução da memória da imigração suíça é o fato dessa memória já se encontrar cristalizada de acordo com a versão reproduzida pela história oficial.

Nesse sentido, as origens do município, a imigração e a descendência europeia são constantemente lembradas, ao noticiar a Festa do Leite de 2017, o jornal *Diário Getuliense* se referindo a cidade mencionou que “sua cultura europeia pode ser observada na arquitetura, no artesanato, na saborosa culinária e no gosto pela música, dança, canto e a beleza das flores” (Diário Getuliense, 02/06/2017, p. 4). Nos desfiles da semana da pátria e, principalmente, no desfile de aniversário da cidade, celebrado em 1º de junho, quando é comemorada a “Festa do Leite”, e também em outras festividades tradicionais como a *stammtisch*, evento com o propósito de reunir pessoas para comer, beber, conversar e ouvir músicas típicas alemãs, a figura do imigrante e sua origem europeia são sempre recordadas, grupos de dança, bandas, associações culturais desfilam trajados com trajes típicos alemães e italianos. Os suíços também são, invariavelmente, lembrados através de cartazes fazendo menção aos “pioneiros de 1904” e por crianças ou por indivíduos representando imigrantes com suas malas.

Igualmente, a Festa do Leite, celebrada na semana de aniversário de cidade, evidencia a capacidade empreendedora e a economia do município, terra de “um povo ordeiro e trabalhador” conforme informam os pôsteres presentes no estande denominado Museu da Imigração, que conta a trajetória dos colonizadores através de objetos como utensílios domésticos e ferramentas de trabalho.

Ao pesquisador, a memória e vestígios da imigração suíça são visíveis em lugares variados como na Festa do Leite, na semana da pátria, na casa do primeiro imigrante suíço (abandonada e em péssimo estado de conservação, segundo relatório da AMAVI de 2006). Igualmente, é encontrada na toponímia do município e no nome de escolas, como a Escola Municipal de Ensino Fundamental Caminho Helvécia. Contudo, mesmo deixando suas marcas, como nome de lugares e algumas práticas como a produção de leite e derivados, a presença e a permanência de colonos suíços em Presidente Getúlio teve pouca expressão, quando comparada com os demais grupos, tanto é que muitos de seus habitantes desconhecem os significados destas nomenclaturas e, por vezes, até mesmo sua origem. Ainda existem alguns descendentes dos primeiros colonizadores, mas não há nenhum centro de tradições,

associação de descendentes suíços ou algo parecido, que estimule e fomente a preservação da memória e a identidade de “origem” suíça.

Considerações finais

Mesmo sem haver um centro difusor da memória suíça, essa imigração e colonização em Presidente Getúlio, de modo geral, é bastante lembrada pela população do município. Há um discurso padrão sobre as origens da cidade, que foi fundada por suíços em 1904, encerrando-se aí o que conhecimento sobre a história dessa imigração. Em resumo, quando é feita a pergunta: o que há de suíço em Presidente Getúlio?, a resposta em tom alegre e jocoso refere a bandeira no pórtico de entrada do município. Quando a mesma pergunta é feita em relação aos alemães e italianos, as informações são muitas.

O trabalho de reconstrução e gestão da memória em Presidente Getúlio é recente, remete a década de 1990, situa-se no contexto desencadeado pela *Oktoberfest*. Neste período, a Festa do Leite que era uma festividade restrita aos produtores rurais, passou a fazer parte do calendário festivo da cidade. E os suíços foram novamente trazidos para o centro da cidade, com a construção do pórtico de entrada do município, inaugurado em seis de dezembro de 2002, na gestão do prefeito José Bortolon.

Em síntese, os suíços que fundaram *Neu Zürich* permaneceram na região após 1909, formavam uma minoria, sendo alguns assimilados pela cultura maior, isto é, pela cultura alemã. Com a chegada da segunda leva de imigrantes dessa nacionalidade, “os suíços” ficaram reduzidos ao interior de *Neu Breslau*, na Colônia Helvética, localizada na Serra Vencida, onde seus descendentes vivem até os dias de hoje. Contudo em relação à identidade suíça há um amalgamento de memórias a partir da história oficial, os poucos descendentes suíços do município e os vestígios ainda hoje encontrados se relacionam ao grupo de suíços de 1922, os quais são lançados no conjunto dos imigrantes de 1904, isto é, junto daqueles que supostamente foram embora em 1909. Nos desfiles e celebrações da cidade ainda não encontramos registros dessa memória, sendo recorrente menção à fundação de *Neu Zürich* e a primeira escola, sendo essas as informações correntes e conhecidas sobre suíços em Presidente Getúlio, ou seja, pouco ainda se conhece sobre a segunda leva de imigrantes que se radicaram no município na década de 1920.

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 2ª ed. rev. e ampl. [1ª Ed. 1968] Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1970.

CUNHA, Dilney. **Suíços em Joinville: o duplo desterro**. Joinville: Letradágua, 2003.

Documentos Originais (periódicos) Um tour à região dos pinheiros entre o ribeirão Krauel e o Índios, p. 7-15, In: **Blumenau em Cadernos**, Fundação Cultural de Blumenau”, tomo XLI, n.5, maio de 2000.

FOCALIZANDO Ibirama e Ituporanga. **Edições Focalizando**. s/l: Paulista-Catarinense, s/d [1956?].

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Cadernos do Alto Vale: arquitetura, ofícios e modos de fazer. **Fundação Catarinense de Cultura**, Florianópolis: Patrimônio Cultural de Santa Catarina, 2009.

GOSSNER, Walter **Die Schweizerkolonie “Nova Helvetia” im Municip Hammonia, Santa Catharina, Brasilien. Bericht von Dr. Walter Gossner an das Eidgenössische Auswanderungsamt, Bern**. Nova Breslau/Blumenau, 1937.

HERKENHOFF, Elly. (Org.). **Lista de Imigrantes. Coleção Memória da Cidade Carlos Ficker**. ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE, 1999. Disponível em <<https://www.joinville.sc.gov.br/publicacoes/listas-de-imigrantes-de-joinville/>>, acesso 16/06/2017.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios 1875-1914**. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda S. de Toledo, 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KARNOPP, Andreia Caroline; VON BORSTEL, Clarice Nadir. Fenômenos de contato linguístico sobre o português e o dialeto suíço-alemão. **Revista Línguas & Letras**. Cascavel/PR, vol. 13, n. 24, p. 117-142, 2012.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas na história da Educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: BASTOS, Maria H. C.; STEPHANOU, Maria (Orgs.). **Histórias e memórias da Educação no Brasil, vol. II: Século XIX**. 3ª Ed., p. 150-165, Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino: uma contribuição à História da Educação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.



PICHETTI, Antonio. Presidente Getúlio. In: **História de Santa Catarina**. Vol. 4, p. 76-77. Curitiba: Grafipar, 1970.

Presidente Getúlio 113 anos de história. **Diário Getuliense**, Presidente Getúlio, Ano I, p. 4, 02 de jun. 2017.

RICHTER, Klaus. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Blumenau e Joinville**. 2ª ed. rev. e ampl. [1ª Ed. 1986] Florianópolis UFSC; Blumenau: FURB, 1992.

Salve Presidente Getúlio. Dia do imigrante. **Jornal Vale do Norte**, Presidente Getúlio, Edição especial, capa. 26 de jul. 1969.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

STEIN, Marcos Nestor. Imigração, dissensos e adaptações: análise da formação de uma colônia de refugiados da Segunda Guerra Mundial no Paraná, p. 1111-1120, In: **Anais do IV Congresso Internacional de História**. Maringá, PR: UEM/PPH/DHI, 2009.

WIESE, Harry. **A inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia**. Ibirama: Edigrave, 2003.

_____. **De Neu-Zürich a Presidente Getúlio. Uma história de sucesso**. 3ª Edição. Ibirama: